

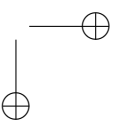
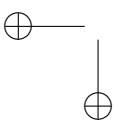
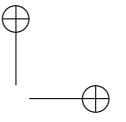
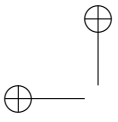
**Reflexões em torno do
conceito de *Felicidade*
inspiradas na *Ética* de
Espinosa e em Michel Henry**



Ana Paula Rosendo

2013

www.lusosofia.net





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2013

FICHA TÉCNICA

Título: *Reflexões em torno do conceito de Felicidade inspiradas na Ética de Espinosa e em Michel Henry*

Autor: Ana Paula Rosendo

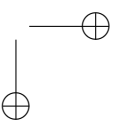
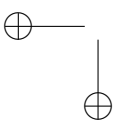
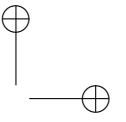
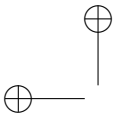
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

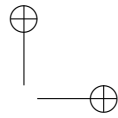
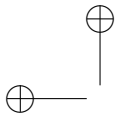
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2013





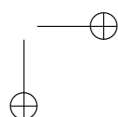
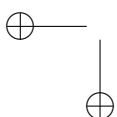
Reflexões em torno do conceito de *Felicidade* inspiradas na *Ética* de Espinosa e em Michel Henry

Ana Paula Rosendo

Índice

1 – A razão clarificadora da vida afectiva	5
2 – Da Alegria de Deus ou o triunfo do Coração	12

Pretendemos apresentar uma reflexão em torno do conceito de Felicidade presente nas IV e V parte da *Ética* de Espinosa. Estes dois livros são, a nosso ver, indissociáveis porque se constituem como um *corpus* que nos permite perceber a passagem do plano da particularidade para o da universalidade que é um processo de conversão e de conquista da interioridade. Sem perdermos muito tempo com a descrição do conteúdo e da estrutura dedutiva da obra, consideramos que é nestas duas partes que se encontra a resposta mais decisiva para a tão almejada procura de felicidade. Os títulos dos capítulos são, respectivamente, *Da Servidão Humana ou da força das Afecções* e *A questão da potência da inteligência ou da*

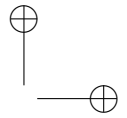
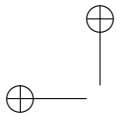


liberdade humana.¹ Como a Felicidade é o resultado de uma vida moral e geralmente é o culminar de um processo de conhecimento e de busca, tentaremos perceber a proposta deste autor para um dos problemas que mais preocupam os Homens de todas as épocas que é o da resposta à questão “como posso ser feliz”. Tentaremos perceber porque é que em Espinosa não existe uma receita ou uma concepção de Felicidade previamente estabelecida como encontramos, por exemplo, no estoicismo. Num segundo momento far-se-á a leitura do conceito de Felicidade a partir de uma interpretação henriana de Espinosa. O pensamento de Michel Henry é grandemente influenciado pelo autor da *Ética* e a sua tese de licenciatura intitulada *Le bonheur de Spinoza* apresenta-se como uma reflexão original sobre a ideia de Felicidade. A Felicidade como o motor da vida que «perspasa todos os modos da substância»². Encontramo-la no princípio da obra, como pura força espontânea, princípio irracional e força elementar da Natureza, partindo da ideia de Deus como Natureza (Deus sive natura) e deduzindo todo o particular a partir deste universal. Mas a preocupação de Espinosa é com os seres humanos e a sua vida concreta e a vida humana tem como modo distintivo a consciência porque é através dela que a substância se reflecte, adquirindo consciência de si. A Felicidade como princípio irracional e espontâneo que emerge na primeira parte da *Ética* acaba por, aos poucos, ir dando lugar ao momento inaugural do modo superior através do qual a vida se manifesta, a *Ética*. Num dado momento, a vida acaba por pedir esclarecimentos à razão para a legitimar. Porque é que a espontaneidade, a aparente irracionalidade precisa da consciência racional para se legitimar? Talvez «porque guarda uma nostalgia da objectividade e da claridade visível»³. A Vida tem uma necessidade

¹Espinosa, B., *Ética*, trad. Joaquim de Carvalho, Lisboa, Relógio de Água, 1992.

²Henry, M., *A Felicidade de Espinosa*, Lisboa, Mathesis, U.L., s.d., p. 12.

³Idem, *ibidem*, p. 16.



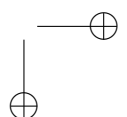
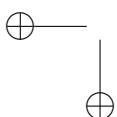
intrínseca de espírito porque o espírito é consciência que clarifica e ilumina O pensamento racional pensa os afectos e as impressões sensíveis, dá-lhes um revestimento inteligível, trazendo-os ao êxtase do ser. Em Espinosa encontramos uma potência imanente e organizada, um *conatus* que poderíamos identificar como sendo a Alegria e que é de uma infinita riqueza intrínseca. Contudo, a suprema Alegria ou a Felicidade, força espontânea de realização da potência imanente a todos os seres e que está presente em tudo, realiza-se de modo mais pleno na consciência humana. Na óptica henriana encontramos na teoria de Espinosa uma terceira dimensão que completa e opera a conversão à suprema felicidade ou beatitude, esta dimensão de profundidade é o sentimento. Concluimos referindo que a *Ética* de Espinosa «é uma teoria tridimensional e que esta dimensão é a profundidade a imanência e essa imanência presente em tudo realiza-se de um modo mais pleno na interioridade humana, razão de ser e significado de todo o percurso de uma moral»⁴. Será através do Livro V da *Ética* de Espinosa que pretendemos esclarecer o papel do sentimento e o da razão entendidos como as condições *sine qua non* para atingirmos a meta final de todo o percurso das nossas vidas: o da a conquista da Felicidade.

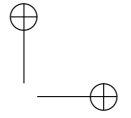
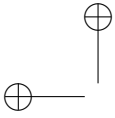
1 – A razão clarificadora da vida afectiva

Porque é que a razão é o modelo da natureza humana?

A resposta de Espinosa a esta questão parte da consideração de um modelo progressivo de desenvolvimento em três etapas: 1º

⁴Idem, *ibidem*, p.18.



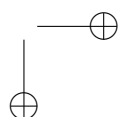
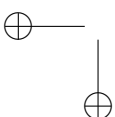


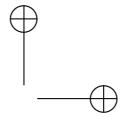
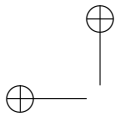
O egoísmo biológico,⁵ 2º o utilitarismo racional⁶ e em 3º o intelectualismo⁷. Estas etapas estão integradas umas nas outras, não havendo ruptura, mas continuidade e mudança qualitativa na unidade. No fundo, trata-se do esquema formal, “à maneira dos geómetras” através do qual se descreve o processo de realização do *conatus*. Este desenvolvimento progressivo do conhecimento em três etapas tem como ponto de partida uma proposição incontestável que exprime algo de ainda mais profundo e essencial no pensamento deste autor, isto é, que cada um tende a perseverar no seu ser, perseverando naquilo que considera ser bom para si e afastando-se daquilo que considera ser mau para si. Este movimento de perseverar no seu ser corresponde a um movimento de realização desse mesmo ser. No pensamento de Espinosa esta é uma lei universal que não admite qualquer tipo de exceção. Esta lei universal é válida para as paixões assim como para a razão, porque os fundamentos da vida passional e da racional são os mesmos, não se produzindo uma ruptura ou hiato entre estes dois modos de expressão do ser. A principal diferença entre ambas (paixão e razão) é que a vida passional é movida por factores externos, contrariamente à vida racional que é movida por factores internos. O desenvolvimento do *conatus* ou movimento de realização caracteriza-se por esta perseverança que permite o progresso de um ser menos, para um ser mais. O pensamento de Espinosa é optimista e não cremos que considere a possibilidade de movimentos reversíveis. O movimento de todos os seres naturados na realização do seu *conatus* é sempre ou de progresso, ou de uma inibição desse mesmo progresso, mas nunca de um retrocesso. Contrariamente à Alegria que permite a passagem de um ser menos a um grau maior de realização, a tristeza inibe o desenvolvimento não permitindo que o movimento de realização se opere.

⁵Cf. *Ética IV*, prop. 19 a 22.

⁶Cf. *Ética, IV*, prop. 23 e 24.

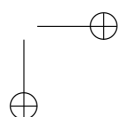
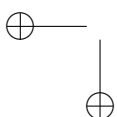
⁷Cf. *Ética IV*, prop. 25 a 28.

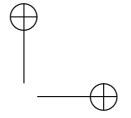
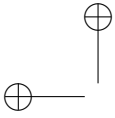




Já vimos que a principal distinção entre a razão e a paixão reside no facto de os mandamentos da razão se inspirarem exclusivamente em si mesmos e nos valores por si enunciados. Qual é, então, o modo pelo qual divergem das paixões? Divergem apenas no ponto em que tentam esclarecer a paixão pela centração em si mesmo, pelo esclarecimento a partir dos princípios imanentes ao *conatus* e pela ruptura com a dependência dos factores externos que caracterizam a paixão, tornando-a clara a nossos olhos. Na óptica espinosista produzimos dois tipos de ideias⁸, as adequadas e as inadequadas. As ideias inadequadas são ideias com origem na paixão e em factores externos, contrariamente às ideias adequadas que são produzidas pela razão e por factores exclusivamente internos. Assim, a razão é aquilo que nos ajuda a transformar as ideias inadequadas em ideias adequadas. Podemos afirmar, com segurança, que não existe uma diferença de natureza entre razão e paixão. A razão não contraria a paixão ditando-lhe valores transcendentais a serem cumpridos, porque em Espinosa não existe um idealismo dualista, uma dicotomia entre matéria e espírito, corpo e alma, paixão e consciência. O movimento de realização é um movimento concreto e o papel da razão é o de nos ajudar a desenvolver o nosso *conatus*, o de nos ajudar a perseverar no nosso ser de um modo mais efectivo. O ser quando é movido pelo *conatus* tende a procurar alegria e prazer para conseguir ser mais só que, na maior parte das vezes, é passivo, movido por causas exteriores ao qual é alheio. Importa frisar que a passividade em Espinosa não tem nenhum aspecto positivo. Quando somos passivos, isto é, quando andamos movidos por paixões e entregues àquilo que nos acontece porque movidos por uma causa exterior a nós, não só tendemos a ter ideias inadequadas produzidas pela imaginação, como tendemos a não realizar e a não intensificar a nossa potencialidade.

⁸Convém referir que não há qualquer tipo de idealismo em Espinosa e que a ideia e o ser coincidem absolutamente. A ideia de alma como ideia de corpo ilustra bem o concretismo presente neste pensamento.





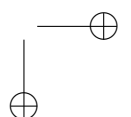
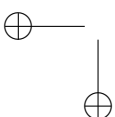
Espinosa, discípulo de Descartes, tentou resolver o marcante dualismo presente no pensamento cartesiano, mas não deixa de fazer parte da tradição, quer judaica (um Deus impessoal), quer intelectualista do século XVII. Por isto a afecção, essencialmente passiva e produtora de ideias inadequadas, nunca poderia ser considerada como portadora de algum elemento positivo no desenvolvimento do *conatus*.

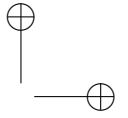
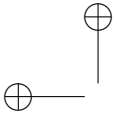
O *conatus* que é realização da nossa potencialidade constitui-se como sendo o verdadeiro conhecimento e o verdadeiro conhecimento coincide com o ser. Nesta óptica não existe qualquer distinção entre o desenvolvimento cognoscitivo e o desenvolvimento ético, havendo um paralelo entre ambos, porque ser e conhecer são uma unidade. Portanto, qualquer ser humano é aquilo que sabe ser e o seu conhecimento acaba por se reflectir no seu modo de estar. É um pensamento que rejeita todo o tipo de idealismo ou de racionalismo e no jargão filosófico é considerado como sendo um monismo. O que são, então, a virtude e a realização moral para Espinosa? Para Espinosa virtude e realização moral não são mais do que a realização da nossa natureza⁹, daquilo para que fomos feitos. Não há qualquer espécie de meta ideal na sua proposta teórica.

Há um problema que é inegável e que complica toda a lógica anteriormente enunciada que é o facto de quer o pensamento de Espinosa, quer a sua obra serem extraordinariamente abertas, pelas características formais e metodológicas da mesma, o que origina vários tipos de interpretação. Por exemplo, Alexandre Matheron propõe que se possa considerar o *conatus* como análogo ao instinto de conservação,¹⁰ afirmando que o movimento perpétuo do ser é o de uma permanente produção, repetição e reprodução de si mesmo na existência. Afirma, inclusivamente, que a partir deste instinto de conservação conseguiu dar o conteúdo que tanto procu-

⁹Cf. *Ética IV*, prop. 18 e escólio.

¹⁰Matheron, A., *Individue et communauté chez Spinoza*, Paris, Ed. Minuit, 1988, p.245.





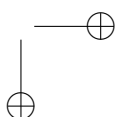
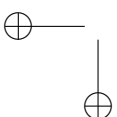
rava para o conceito de virtude (que coincide com o de realização do *conatus*): «plus nous conservons notre être et plus nous en avons le pouvoir, plus nous sommes vertueux».¹¹ Nesta óptica, o modelo ideal de Homem é aquele que, em todas as circunstâncias, faz exactamente aquilo de que necessita para se realizar como tal neste empreendimento de expandir e de intensificar o seu ser. Se assim é, qual então, a distinção entre agir por si mesmo ou agir de modo racional e agir por uma causa que lhe seja exterior, ou de modo passional? É que movidos pela razão, isto é, movidos apenas pelas nossas causas internas e sem nenhuma influência exterior, tornamo-nos na verdadeira e única causa dos nossos actos, tornamo-nos seres livres. As afecções ou paixões são importantes porque nos mostram o caminho que devemos seguir contudo, não devemos permitir que o mundo exterior e as suas causas nos dirijam porque deixamos de depender de nós mesmos para passarmos a ser movidos por esse mundo exterior a nós. Poderá este movimento de realização do *conatus* ser considerado como algo de instintivo? Se sim, então qual será o significado exacto de nos conduzirmos racionalmente?

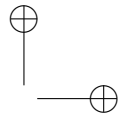
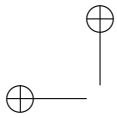
O princípio fundamental que nos deve sempre guiar no que concerne ao pensamento de Espinosa é a certeza de que a razão não significa uma conduta ideal e diferente que norteará as nossas vidas de modo distinto do modo afectivo ou passional. Como não há racionalismo, a razão não é encarada do ponto de vista do ideal, não dita leis nem normas transcendentais a cumprir. Nesta óptica viver é sempre viver até ao fim tendo a realização pessoal como meta, sendo esta a principal missão de todos os viventes e, particularmente, do Homem. Fazendo uso da razão ou não fazendo uso dela, a causa que nos leva a perseverar no ser nunca é uma causa de outra coisa, uma causa exterior a nós mesmos.¹²

No monismo antropológico de Espinosa o *conatus* não é uma

¹¹Idem, *ibidem*, p.246.

¹²Cf. *Ética IV*, prop. 25.



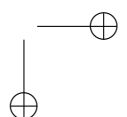
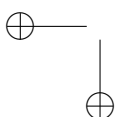


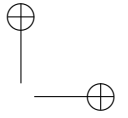
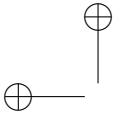
parte de nós que possa vir a ser distinguida da razão, porque não há qualquer espécie de dualismo. Portanto, o esforço para conservarmos o nosso ser não se distingue em nada do ser que nós nos esforçamos por conservar. Somos uma unidade que «constitui uma totalidade, um sistema em ciclo fechado que não se mantém na existência a não ser na medida exacta em que esta tem o poder de atualizar as suas consequências».¹³ Portanto, perseverar no meu ser é tender a reproduzir infinitamente aquilo que eu sou e esta verdade é «real e independente de todas as afecções que possam surgir».¹⁴ Quando nos esforçamos por perseverar no nosso ser, mesmo que sejamos afectados por uma causa exterior e particular não significa que poremos esta modalidade ao serviço de todo o nosso ser, pois tendemos a realizar aquilo que deriva directamente da nossa essência e a razão não é, em Espinosa, considerada como uma faculdade lógica puramente instrumental e de natureza distinta da paixão porque ambas fazem parte da nossa natureza que é una. Tomamos como exemplo a proposição II do livro IV «Nós padecemos porque somos uma parte da Natureza que não pode conceber-se por si mesma e sem as outras».

Assim, podemos afirmar que a principal distinção entre a afecção ou paixão e a razão reside no facto de a partir da primeira se produzirem ideias inadequadas e a partir da segunda ideias adequadas. As ideias inadequadas podem ser agradáveis, mas o intelectualismo presente em Espinosa mostra-nos que se por um lado o nosso ser é esforço de perseverar em si mesmo e de fazer em todas as circunstâncias aquilo que é necessário para se realizar plenamente, isto é, fazer coisas agradáveis, preferirá o esforço primeiro e único que é o de compreender de modo claro e distinto a sua natureza e razão de viver. O esforço do conhecimento não é mais do que o do conatus no seu supremo desenvolvimento e este desejo de conhecer de modo claro e distinto, através de ideias claras, é meta

¹³Cf. *Ética IV*, prop. 26 e demonstração.

¹⁴Matheron, A., *Ibidem*, p. 251.

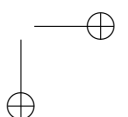
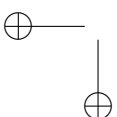


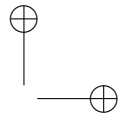
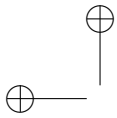


e aspiração de realização de todos os seres racionais. Conhecer através de ideias adequadas ou de modo que seja claro e distinto significa conhecer de modo a poder organizar melhor o seu mundo e tal representa o ciclo completo da vida razoável que nos permitirá a realização plena do nosso *conatus*. Assim, a plena realização da potência consiste no conhecimento pelo conhecimento. Aquilo que a razão julga de modo claro e distinto é sempre bom, porque não só é útil para a plena realização como também é necessário para a mesma. Segundo Espinosa, só a razão poderá esclarecer, com toda a certeza, aquilo que para nós é útil e necessário.

Nas duas primeiras etapas do conhecimento que são o intelectualismo biológico e o utilitarismo racional o nosso movimento de realização da potência desconhece as causas que o levam a tal e tendemos a mover-nos exclusivamente levados pelo instinto de conservação. Como nos diz A. Matheron, é indubitável que em Espinosa existe um *primum vivere* e que este *primum vivere* é condição *sine qua non* para as potenciais realizações de todos os seres. Contudo, é importante realçar que Espinosa não reduz tudo a um mero desenvolvimento do espírito de conservação erigido a princípio supremo.¹⁵ Quando Espinosa realça a importância de um *primum vivere* suscita a possibilidade de uma má interpretação do seu pensamento, na medida em que parece ceder ao dualismo clássico da oposição entre paixão e razão. Poderíamos ser induzidos a interpretar que as nossas realidades empíricas e passionais têm pouco em comum com a realidade intelectual e racional e esta ideia não é certa. Em Espinosa o conhecimento não procede por etapas, não partimos de um biologismo primeiro para um intelectualismo como realidade última e suprema. Apesar de encontrarmos uma hierarquia no conhecimento espinosano, a ser feita, teria que passar a ser descrita como uma “paixão maior” que se sobrepusesse às restantes. A paixão maior que os seres racionais têm, mais do que a paixão pela sua vida e pelo facto de a poderem manter é a “paixão

¹⁵Matheron, A., *ibidem*, p.255.





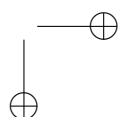
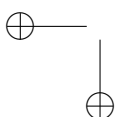
maior” pelo conhecimento. A razão ocupa o topo da hierarquia das perfeições possibilitando ao homem situar-se num plano superior ao da animalidade. Contrariamente às afecções cuja origem é subjectiva e singular, a razão é uma faculdade universal que se encontra presente em todos os seres racionais. A universalidade da razão permite-nos superar os limites da nossa singularidade, pela realização que transcende a particularidade. Qual a paixão da razão? A razão deseja conhecer e o modo universal como o faz é produtor de ideias claras e distintas. Estas são as ideias adequadas, as mais próximas da *causa sui* que «é aquilo cuja essência envolve a existência: ou por outras palavras, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente».¹⁶

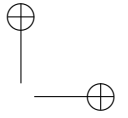
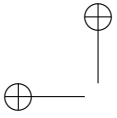
Como responder à possibilidade de conciliação entre um *conatus* singular e uma razão universal? A possibilidade de conciliação de um *conatus* individual com uma razão universal reside no facto de esta ao desenvolver-se tender, progressivamente, a personalizar-se, pois os esclarecimentos por ela feitos serão levantados por cada um dos seres que vivem e que na sua actividade pretendem a realização plena da sua potencialidade ou a realização plena do seu *conatus*. Assim como o ser racional se realiza plenamente através da razão universal, esta também se humaniza através da sua união com o ser contingente e particular. E parece que sem querer se tende a cair novamente nas malhas do dualismo. Qual a solução encontrada por Espinosa para este problema?

2 – Da Alegria de Deus ou o triunfo do Coração

Já vimos que conhecimento e progresso moral são em Espinosa uma e a mesma realidade, mas há o problema da individuação, so-

¹⁶Cf. *Ética I*, definição 1.





mos sujeitos vivos e encarnados e, por isso, «Por mais absoluto que seja o valor do conhecimento humano que, enquanto modo finito, nos pareceu não poder ir muito além das ideias inadequadas».¹⁷ Ora, a necessidade de ultrapassar esta dificuldade faz com que, segundo Henry, Espinosa tenha sentido a necessidade de se debruçar constantemente sobre o pensamento cartesiano. O conhecimento racional ou conhecimento de terceiro grau é o conhecimento de Deus, um conhecimento que deriva do mais fundo da nossa imanência porque Deus é a mais pura interioridade e não possui qualquer tipo de afecção ou paixão. De certo modo, a ideia de Deus cartesiana e a espinosana coincidem. Portanto, o conhecimento de terceiro grau mostra-nos esse princípio absoluto e puramente racional que é Deus «porque o Homem não existe pelo seu limite que é apenas uma determinação extrínseca, uma negação, que não é, mas pelo princípio interno que lhe dá o ser e que lhe dá a força para perseverar no ser. Só existe enquanto é por e em Deus.»¹⁸

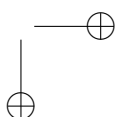
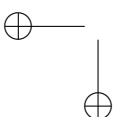
Assim, o conhecimento de terceiro grau mostra-nos, precisamente, esse princípio interno e absoluto que é Deus, causa de todas as coisas, de todas as essências e de todas as existências e sobre o qual tudo repousa. No conhecimento de terceiro grau ou conhecimento de Deus, o entendimento e o objecto são um só, não é fruto de uma percepção, mas de uma intuição que une o pensamento ao ser e que lhe proporciona uma fruição total, isto é, um gozo total e absoluto. Conhecer é «reconhecer essa identidade essencial e íntima da alma com Deus, experienciá-la num gozo supremo, eis em que consiste a beatitude».¹⁹

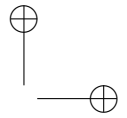
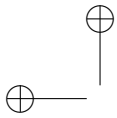
A beatitude é a experiência suprema para a qual toda a filosofia de Espinosa se orienta e «como sempre acreditou na possibilidade do Homem ser feliz, demonstrou que a beatitude consiste no amor

¹⁷Henry, M., *A Felicidade de Espinosa*, Lisboa, Mathesis, U.L., s.d., p.79.

¹⁸CF. *A Felicidade de Espinosa*, p.81.

¹⁹CF. *Ibidem*, p.85.





a Deus e que o amor a Deus é uma suprema alegria».²⁰ Esta ideia ecoa na proposição XXVII do Livro V da *Ética*, que nos diz: «Deste terceiro género de conhecimento provém o maior contentamento da Alma, que pode existir».

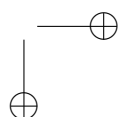
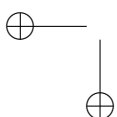
O racionalismo de Espinosa considera que só através das verdades racionais se pode aceder à eternidade porque só se atinge a felicidade absoluta quando o objecto da nossa “paixão maior” não tem qualquer relação com o tempo. A consciência individual é sempre particular, empírica e sujeita à temporalidade contrariamente à razão que é conhecimento universal, necessário, intemporal e eterno. Apesar de sermos seres individuais e empíricos, conseguimos participar da intemporalidade através da razão porque «A Alma humana não pode ser absolutamente destruída juntamente com o Corpo, mas alguma coisa dela permanece, que é eterna».²¹

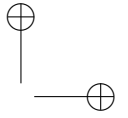
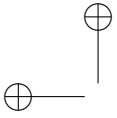
O conhecimento eterno da alma é um conhecimento de terceiro grau, é intuitivo e permite-nos também o conhecimento das coisas particulares.

O motor que possibilita todo este movimento de conquista da Felicidade que mais não é do que conversão e adesão à interioridade ou a Deus é a Alegria. A Alegria como sentimento é uma passagem de uma menor perfeição a uma maior perfeição, do ser menos ser ao mais. A Alegria permite o desenvolvimento do nosso *conatus*, isto é, da nossa potencialidade e é através dela que nos realizamos como pessoas porque possibilita o encontro com a felicidade. Contrariamente à alegria, a tristeza inibe o movimento, impedindo a realização do ser. Espinosa considera que a suprema felicidade reside na nossa união com Deus, o que levou Michel Henry a questionar da possibilidade de sermos felizes ao unir-nos a uma criatura impassível, porque Deus não sente nem é afectado. A resposta que encontrou para esta pergunta é mágica e como que subverte todos os desenvolvimentos anteriores, porque a Alegria

²⁰Cf. *Ibidem*, p.91.

²¹Cf. *Ética*, Livro V, prop. 23.





é o sentimento que se desenvolve na presença do ser absoluto, na presença de Deus. Na presença de Deus sentimos Alegria e este sentimento provoca a mudança para um estado de perfeição maior. No contacto com Deus desenvolve-se uma perfeição maior porque o sentimento gozoso de fruição que é a Alegria no seu estado mais puro não se modifica, não se altera, nem alterna com a tristeza, o que nos proporciona a conquista da Felicidade total que se traduz por um estado de beatitude. Neste sentido, o sentimento de beatitude é completamente diferente da *ataraxia* dos gregos ou da tradição oriental porque é um sentimento que não se pretende ver aniquilado. O ideal presente na tradição grega e na oriental é a aniquilação do sentimento como principal fonte de perturbação.

Concluimos considerando que, num primeiro momento, parece que é pela razão que conquistamos a felicidade, o que faria com que não houvesse qualquer distinção entre uma conquista seca, racional e isenta de sentimento e o sentimento de beatitude. Contudo, aquilo que nos proporciona a felicidade autêntica tem a sua origem num sentimento que é o da Alegria. É este sentimento que nos mantém unidos a Deus. Contrariamente às expectativas enunciadas, aquilo que há de mais profundo na nossa vida intelectual e que nos permite alcançar a felicidade não é tanto a razão, mas é o sentimento. É o sentimento de Alegria que estabelece a nossa união com Deus e através da qual atingimos a suprema Felicidade, o gozo supremo. Nada melhor para as almas românticas do que o triunfo do coração como centro anímico, tornado a nossa essência e sem o qual resvalaríamos para um formalismo destituído de qualquer conteúdo real, isto é, destituído de conteúdo humano que é coração.

